

RESENHAS/
ESSAYS

OLIVEIRA, MARCUS AURÉLIO TABORDA DE. (ORG). *EDUCAÇÃO DO CORPO NA ESCOLA BRASILEIRA*. CAMPINAS, SP: AUTORES ASSOCIADOS, 2006.

Alex Branco Fraga*

HISTÓRIAS SOBRE O CORPO EDUCADO NO BRASIL

Educação do corpo na escola brasileira é uma coletânea de dez artigos oriundos de programa de pesquisa em história da educação. Relevante, sensível e instigante são as qualidades mais evidentes desta obra, visto que estudos sobre a escolarização dos corpos, com rigor no uso das fontes históricas e destreza na utilização dos referenciais teóricos, não têm sido empreendidos de maneira sistemática.

O espírito do livro pode ser apreendido já nas primeiras páginas do capítulo “A título de apresentação – Educação do corpo na escola brasileira: teoria e história”, no qual Marcus Aurélio Taborda de Oliveira, organizador do livro, expõe as costuras que tornaram possível a reunião de textos que focam questões tão distintas quanto, por exemplo, os castigos físicos na segunda metade do século XIX, o ensino do canto orfeônico na primeira metade do século XX e a construção de um currículo escolar para a educação física do século XXI.

A epígrafe escolhida para abrir este capítulo é belíssima. Graciliano Ramos é invocado para posicionar o leitor urbano contemporâneo em uma escola primária do interior e, dali, perceber o drama de quem viveu na carne o processo de escolarização em massa ocorrido no início do século XX no Brasil.

Uma nota de rodapé na mesma página detalha a forma como o programa de pesquisa foi estruturado e como os textos foram agrupados. Cada artigo é resultado de um planejamento coletivo de longo prazo, nenhum começa ou termina dentro do espaço que lhes foi reservado pela coletânea, pois são projetos desenvolvidos (ou em desenvolvimento) em mestrados/doutorados de programas de pós-graduação que têm nas práticas corporais escolares e na abordagem teórico-metodológica de cunho historiográfico seu centro de convergência.

A obra se destaca pela consistência na análise dos dispositivos

* Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor da Escola de Educação Física e do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da UFRGS. *E-mail*: brancofraga@gmail.com

escolares de disciplinamento dos corpos, fruto de uma reflexão crítica profunda e de uma minuciosa seleção de fontes documentais: relatórios institucionais, mapas escolares, correspondências, fotos, imagens, filmes educativos, livros e fichas de registros, diários de professores, cadernos de alunos, materiais de apoio, manuais e compêndios que compõem o *corpus* documental dos diferentes projetos de pesquisa.

A unidade temática dos diferentes textos pode ser encontrada em vários trechos, mas me parece bem-sintetizada no seguinte: “nesse processo multifatorial cabe identificarmos como se desenvolveram formas de conceber, tratar e definir a corporalidade no âmbito da escolarização, na passagem da escola de modelo doméstico para a escola de modelo graduado” (p. 5).

O segundo capítulo, “Marcas do corpo escolarizado, inventário do acúmulo de ruínas: sobre a articulação entre memória e filosofia da história em Walter Benjamin e Theodor W. Adorno”, de Alexandre Vaz, e o terceiro, “Violência, corpo e escolarização: apontamentos à luz da teoria crítica da sociedade”, Luciene Paiva de Oliveira, são de cunho teórico-reflexivo e examinam de maneira muito consistente as racionalidades que sustentaram (e ainda sustentam) o processo de educação do corpo disciplinado na escola. Ambos se baseiam, predominantemente, em autores da teoria crítica e funcionam como marcadores conceituais dos demais artigos.

Os quatro textos que seguem se diferenciam dos três primeiros e dos três últimos. “‘Palmatoando’ as fontes: os usos dos castigos físicos em nome da disciplinarização e da ordem nas escolas paranaenses da segunda metade do século XIX”, de Talita Dalcin; “A produção de uma forma escolar para o esporte: os projetos culturais da Associação Brasileira de Educação (1926-1935) como indícios para historiografia da educação física”, de Meily Linhales; “Saúde e escolarização: representações, intelectuais, educação e educação física”, de Omar Schneider e Amarílio Ferreira Neto; “Os programas de educação física no ensino secundário: algumas considerações sobre o Ginásio Paranaense (1931-1947)”, de Sérgio Roberto Chaves Junior, todos eles tomam a educação física/esporte como campo de análise e apresentam percurso investigativo histórico baseado em rigorosa seleção de fontes e composição de dados que dão consistência à análise da educação dos corpos nas escolas brasileiras. Um movimento que vai, parafraseando a expressão utilizada por Chaves Junior no texto anteriormente citado, da análise documental ao “chão da escola”, algo que se encontra perfeitamente ajustado ao espírito do livro.

Nos dois capítulos seguintes, “Educação musical: a concepção escolar para o ensino da música”, de Vera Lúcia Gomes Jardim; e “Os conteúdos do Canto Orfeônico na escola secundária curitibana”, de Wilson Lemos Junior, o enfoque é outro. Ambos apresentam o mesmo rigor historiográfico, os mesmos cuidados com a utilização das fontes, encontram-se articulados com as premissas teórico-metodológicas empregadas nos demais textos que tratam de analisar a cultura escolar dentro do período traçado.

O texto de Jardim trata de analisar o ensino da música por meio das políticas educacionais nas escolas públicas de São Paulo, bem como o processo de formação do músico dentro desse processo. Para a autora, a educação musical foi mecanismo importante na conformação de uma racionalidade escolar que se firmaram no rastro do processo de higienização dos espaços, corpos e mentes do século XIX e início do século XX. Em outra passagem, ela argumenta de maneira muito consistente que a “educação dos sentidos”, por meio da música, funcionava como uma ligação mais direta à educação dos corpos na escola:

Uma vez ‘tocados’ pela música, os sentidos do aluno seriam conduzidos ao desenvolvimento intelectual, proporcionado pela racionalização e compreensão de um código específico de leitura e de escrita (a notação musical). Ao mesmo tempo, o desenvolvimento físico, proporcionado pelo aprimoramento e domínio gradativo dos órgãos do aparelho auditivo, fonador, respiratório, permitiriam a aquisição de uma consciência física pela prática do perceber, ouvir, emitir, controlar (p. 165).

A operação analítica desencadeada nesta passagem dá visibilidade aos pontos de contato entre o ensino da música e a educação dos corpos em escolas públicas desse período histórico, ligação extremamente pertinente, porém, pouco salientada ao longo do texto. As mesmas considerações podem ser feitas em relação ao texto de Lemos Junior, que vem imediatamente a seguir, e trata dos conteúdos do Canto Orfeônico durante a década de 30 e 40 do século XX. Ambos são instigantes, muito bem-escritos e, por pertencerem a outro “registro profissional”, enriquecem o programa de pesquisa que sustenta o conjunto, ampliando o escopo da discussão sobre a conformação dos corpos no espaço escolar para além da educação física²esporte.

O último capítulo, “Uma experiência de construção do currículo escolar para a educação física: das amarras da tradição à tentativa de reorientação”, escrito por Cássia Helena Ferreira Alvin e Marcus Tabora de Oliveira, fecha a coletânea voltando à educação física e arremessando

o leitor para a educação dos corpos contemporânea. Trata-se, como indica o próprio título, de uma reflexão sobre uma experiência de construção coletiva de um currículo de educação física para a rede municipal de Araucária, região metropolitana de Curitiba, que desde 2002 vem tentando “ampliar as possibilidades pedagógicas dessa disciplina, entendendo a corporalidade como objeto de ensino da mesma” (p. 196). Apesar de a natureza do trabalho ser diversa dos demais, a estratégia de fechar a coletânea com um texto mais “prático” e historicamente próximo foi muito interessante. De certa forma, este fechamento joga com uma das mais férteis noções de investigação baseadas na historiografia: entender que a educação dos corpos nas escolas brasileiras de hoje está intimamente ligada ao processo de massificação do ensino público no período histórico estudado.

Recebido: 02/04/08

Aprovado: 14/04/08

Contato:

Rua Professor Carvalho de Freitas, 611- apto. 803 - Torre 2
Teresópolis
Porto Alegre - RS
BRASIL

CEP: 91.720-090

E-mail: brancofraga@gmail.com